



COSMOLOGIAS DO BRINCAR E OS MODOS DE VIDA DAS CRIANÇAS MBYA-GUARANI NA ALDEIA TEKOA MARANGATU

Cosmologies of play and the ways of life of mbya-guarani children in the tekoea marangatu aldeia

Patrícia de Moraes LIMA

Departamento de Metodologia de Ensino
Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, Brasil

patricia.demoraeslima@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-6565-4852> 

Sérgio Duarte SILVA

Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação
Florianópolis, Brasil

sergioyvydju@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0005-5173-5589> 

Mais informações da obra no final do artigo ●

RESUMO

Este artigo investiga a infância Mbya Guarani a partir de uma perspectiva que desafia concepções hegemônicas sobre o brincar e os processos de socialização na infância. Com base em uma pesquisa etnográfica realizada entre 2021 e 2025 na aldeia Tekoea Marangatu, no município de Imaruá (SC), analisamos as cosmologias do brincar e os modos de ser criança no contexto guarani. Articulamos alguns aportes dos Estudos Sociais da Infância, especialmente da Antropologia e da Geografia da Infância e priorizamos os estudos de autores e autoras indígenas contemporâneos, para compreender o brincar como um saber ancestral que atualiza a espiritualidade, a ética e o *Nhande Reko*, o modo de ser guarani. Ao apresentar as brincadeiras e jogos compartilhados pelas crianças, evidenciamos que essas práticas constituem um acervo próprio da ancestralidade Mbya Guarani, expressando relações profundas entre corpo, território, coletividade e cosmologia.

PALAVRAS-CHAVE: Infâncias indígenas. Mbyá-Guarani. Brincadeiras. Cosmologia. Etnografia.

ABSTRACT

This article examines Mbya Guarani childhood through an analytical lens that challenges hegemonic frameworks surrounding play and childhood socialization. Grounded in ethnographic research conducted between 2021 and 2025 in the Tekoea Marangatu village, located in the municipality of Imaruá (SC), the study investigates the cosmologies of play and the ontological modes of being a child within the Guarani world. Drawing on selected contributions from Childhood Studies—particularly Anthropology and the Geography of Childhood—while foregrounding the intellectual production of contemporary Indigenous scholars, we conceptualize play as an ancestral epistemology that continually rearticulates Guarani spirituality, ethics, and *Nhande Reko*, the Guarani way of being. By presenting the games and play practices shared among children, we demonstrate that these activities constitute a culturally situated repertoire rooted in Mbya Guarani ancestry, expressing profound interrelations between body, territory, collectivity, and cosmology.

KEYWORDS: Indigenous childhood. Mbyá-Guarani. Play. Cosmology. Ethnography.

INTRODUÇÃO

A infância indígena tem se consolidado como um campo de investigação fundamental para tensionar paradigmas hegemônicos sobre desenvolvimento, socialização e práticas lúdicas. No caso dos povos Mbya Guarani, essa discussão adquire contornos ainda mais complexos, pois o brincar não se apresenta como uma atividade periférica ou desvinculada da vida social, mas como uma dimensão constitutiva do *Nhande Reko*, o modo de ser e viver guarani. Compreender o brincar Mbya Guarani implica, portanto, deslocar-se de concepções universalizantes de infância e reconhecer que as práticas lúdicas expressam cosmologias próprias, articulando corpo, território, espiritualidade e coletividade. Nesse sentido, os Estudos Sociais da Infância, especialmente a Antropologia da Infância e a Geografia da Infância, oferecem ferramentas importantes, mas insuficientes se não forem tensionados e ampliados pela produção intelectual de autores e autoras indígenas contemporâneos, cujas reflexões reposicionam a infância como um tempo pleno de potência ontológica e epistemológica.

Este artigo emerge de uma pesquisa etnográfica realizada entre 2021 e 2025 na aldeia Tekoa Marangatu, localizada no município de Imaruí, em Santa Catarina. As incursões prolongadas no território permitiram acompanhar o cotidiano das crianças, observar suas brincadeiras, circular pelos espaços da aldeia e dialogar com lideranças, famílias e professores. A etnografia, nesse contexto, não se limita a uma técnica de observação, mas constitui um modo de aprender com o território e com as relações que o sustentam, em consonância com perspectivas indígenas que compreendem o conhecimento como experiência situada e relacional. Assim, mais do que descrever práticas lúdicas, buscamos compreender como o brincar atualiza saberes ancestrais, fortalece vínculos comunitários e participa da manutenção da vida guarani.

Ao priorizar a produção de autores indígenas como Tonico Benites, Kaká Werá, Daniel Munduruku, Ailton Krenak e Davi Kopenawa, reconhecemos que suas reflexões não são complementares, mas centrais para compreender o brincar como um saber ancestral que articula espiritualidade, ética e territorialidade. Entre os Mbya Guarani, a criança é portadora de uma *ñhe'ẽ*, a “palavra-alma” enviada pelos deuses, e suas brincadeiras constituem modos de fortalecer essa presença espiritual, garantindo sua permanência no mundo e sua conexão com Nhanderu. Assim, ao apresentar as brincadeiras e jogos compartilhados pelas crianças da Tekoa Marangatu, evidenciamos que essas práticas constituem um acervo próprio da ancestralidade Mbya Guarani, expressando relações profundas entre corpo, território, coletividade e cosmologia.

INFÂNCIAS MBYA-GUARANI E EPISTEMOLOGIAS INDÍGENAS

Ao aproximar o campo epistêmico produzido por autores e autoras indígenas, torna-se evidente que os modos de vida e as práticas sociais das crianças Mbya-Guarani não podem ser compreendidos apenas como expressões culturais, mas como dimensões vivas de uma filosofia própria de existência. Ailton Krenak (2019) afirma que os povos originários aprendem desde cedo que “viver é tecer alianças com tudo o que existe”, e essa compreensão relacional do mundo estrutura também a infância. Para Daniel Munduruku (2009), as crianças indígenas crescem inseridas em uma pedagogia da convivência, na qual aprender significa participar, observar, experimentar e sentir o território como extensão do próprio corpo.

No caso Mbyá-Guarani, essa pedagogia se expressa nas brincadeiras, nos deslocamentos, na escuta dos mais velhos e na participação em rituais, compondo aquilo que Davi Kopenawa (2015) descreve como “o movimento da vida que nunca se separa da terra”. As práticas infantis, portanto, não são apenas marcadas pela ludicidade, mas formas de atualizar a cosmologia, fortalecer vínculos comunitários e reafirmar a continuidade da vida em comunidade.

Eliane Potiguara (2004) lembra que a ancestralidade é um princípio educativo que atravessa todas as dimensões da existência indígena, e isso se manifesta na forma como as crianças aprendem a cuidar, a respeitar e a se relacionar com o mundo ao seu redor. Ao observar as brincadeiras e jogos das crianças da aldeia Tekoa Marangatu, compreende-se que elas não apenas reproduzem práticas culturais, mas criam, reinventam e atualizam saberes ancestrais, participando ativamente da manutenção dos modos de vida Mbyá-Guarani. A infância, nesse contexto, é um espaço de agência, criação e pertencimento, no qual as crianças se constituem como guardiãs da memória e da continuidade do povo, reafirmando que, para os povos indígenas, viver e aprender são processos inseparáveis.

Essa compreensão encontra ressonância com as reflexões desenvolvidas por Almeida (2018), quando a autora problematiza a sua dificuldade inicial na etnografia, de nomear quem são as crianças indígenas, que imagens construímos delas, quais leituras sustentam ou limitam a nossa capacidade de vê-las como sujeitos? A autora evidencia que pesquisar crianças indígenas exige tensionar as metanarrativas modernas que naturalizam a infância como categoria universal, interrogando os pressupostos eurocêntricos que moldam a produção acadêmica sobre elas. Como afirma Lima (2008),

é preciso “tensionar as verdades que as produzem”, explorando ambiguidades, multiplicidades e campos de indeterminação que escapam às categorias rígidas da modernidade ocidental.

Ao aproximar o olhar sobre o cotidiano das crianças Mbya-Guarani e suas práticas — brincar, circular pelo território, participar de rituais, observar os mais velhos — não podem ser compreendidas fora dos contextos políticos, sociais e cosmológicos que as constituem. Nesse sentido, o argumento de Redondo (2019) sobre a urgência de pensar as infâncias latino-americanas como experiências situadas, atravessadas por desigualdades estruturais e por processos históricos de homogeneização cultural, dá relevo a necessidade de compreender as infâncias indígenas não como exceções, mas como parte de um campo mais amplo de disputas epistemológicas e políticas. Almeida (2018) amplia essa reflexão e demarca a necessidade de uma episteme que reconheça uma “geografia vivida”, na qual espaço, lugar e corpo se entrelaçam e o diálogo com a geografia da infância, reforça que as crianças Mbya-Guarani constroem sentidos sobre os lugares que habitam — a aldeia, a cidade, os caminhos entre elas — e que esses sentidos são atravessados por relações de poder, por processos de colonização e por práticas sociais. Como afirmam Lopes e Vasconcellos (2006), toda criança é criança *de* um lugar e *em* um lugar, e é nesse entrelaçamento entre território e experiência que se constituem suas formas de ser e estar no mundo.

NHANDE REKO SER E VIVER GUARANI

A pesquisa etnográfica na aldeia Tekoa Marangatu foi realizada por um sujeito que integra essa cultura e portanto, essa posição-de-sujeito foi definindo o foco no acesso às crianças pelas brincadeiras no ritmo próprio da convivência e das relações que se estabeleciam no território. Lima (2015) descreve que na pesquisa etnográfica, sobretudo quando temos familiaridade com o campo, não deixamos de vivenciar o *incômodo dos começos* momentos em que o pesquisador/a se depara com presenças, gestos e movimentos, que ainda não sabe nomear, porque a infância — sobretudo a indígena — não se oferece de imediato ao olhar adulto. A autora destaca o desafio de conhecer as crianças em sua heterogeneidade e diferença, e isso exige suspender a expectativa de encontrar respostas prontas e permitir que o campo se apresente na pesquisa.

Foi nesse movimento inicial da pesquisa de campo, que as primeiras imagens das brincadeiras surgiram das crianças guarani na Aldeia Tekoa Marangatu. O desafio do

olhar de perto e de dentro (Lima, 2015, Magnani, 2015) exige uma aproximação que não se faz por distanciamento analítico, mas pela presença sensível, pela escuta dos sons, das vozes, dos silêncios e dos ritmos que compõem a vida das crianças. Estar com as crianças— e não apenas observá-las — tornou-se condição para compreender que as brincadeiras não são atividades isoladas, mas expressões dos modos de vida que compõem a forma de ser e viver Guarani.

Para conhecer a cultura do brincar na aldeia Tekoa Marangatu, tivemos que entender que a educação indígena guarani possui uma ligação intrínseca com a cultura das brincadeiras e dos jogos, elementos que emergem da convivência cotidiana na comunidade e na escola. Entre os Mbyá-Guarani, jogos e brincadeiras não constituem esferas separadas da vida social, mas expressões integradas dos modos de vida partilhados na aldeia. Práticas como a peteca, a corrida de mbaraká, o arco e flecha e a zarabatana são vivenciadas por crianças, jovens e adultos, compondo um repertório corporal e simbólico que atravessa gerações. Essas atividades são ensinadas desde cedo, pois fazem parte do cotidiano e da vida Guarani, constituindo um processo educativo que se inscreve no *Nhande Reko*, a maneira de ser e viver Guarani.

Desde os primeiros anos de vida, as crianças aprendem observando e participando das atividades cotidianas dos mais velhos. As experiências são marcadas por meio da oralidade, das práticas diárias e da experiência com a natureza e com o território que habitam. Mães, pais, avós e outros membros da comunidade transmitem conhecimentos sobre a floresta, os animais, as plantas medicinais e os rituais sagrados por meio de histórias, cantos e brincadeiras. As crianças estão imersas no *Nhande Reko*, e a escola, para ser significativa, deve respeitar e valorizar esse modo de vida. Quando o ensino se descola da língua, dos saberes tradicionais e das práticas comunitárias, corre-se o risco de produzir rupturas culturais e linguísticas que fragilizam a identidade das crianças e sua conexão com a comunidade.

As brincadeiras desempenham papel fundamental nesse processo formativo e estas práticas do brincar estão vinculadas a ensinamentos espirituais e à relação com Nhanderu (o Criador), fortalecendo a identidade cultural e o senso de pertencimento das crianças. As brincadeiras estão associadas a práticas dos rituais, contribuindo para que as crianças compreendam seu papel dentro da comunidade e sua relação com Nhanderu, reafirmando o respeito mútuo como princípio da vida Guarani.

As brincadeiras guarani, longe de serem atividades apenas atreladas às crianças, constituem formas de aprendizagem, socialização e experimentação do mundo. Com isso, o desafio em compreender as infâncias guarani não a partir de categorias

ocidentais, pois estão profundamente enraizadas em cosmologias que articulam corpo, espírito, território e coletividade. Entre os Mbyá-Guarani, a criança é concebida como dádiva divina, portadora de uma “palavra-alma” (ñhe’ẽ) enviada pelos deuses (ASSIS, 2006). Ser criança, portanto, é ocupar um lugar cosmológico que exige *cuidado, acolhimento e alegria* para que o espírito permaneça no mundo.

Kaká Werá Jecupé explica que ser Guarani é “caminhar com o coração atento” (JECUPÉ, 1998), porque o pertencimento não é dado, é cultivado diariamente na relação com o território, com os parentes, com os espíritos e com a própria memória ancestral. Isso permite compreender o *Nhande Reko* não apenas como um conjunto de valores, mas como uma ética cosmológica, uma forma de existir que orienta cada gesto, cada palavra e cada brincadeira. Para Jecupé (1998), o coração atento é aquele que escuta o mundo, que percebe a presença dos seres visíveis e invisíveis, que reconhece a terra como mãe e como mestra. O *Nhande Reko*, nesse sentido, é uma ética que orienta como viver com respeito, reciprocidade, cuidado e responsabilidade com o coletivo. Não se trata de um código moral, mas de uma disposição sensível, de uma forma de sentir e agir que sustenta a vida na cultura guarani.

AS BRINCADEIRAS NA ALDEIA TEKOA MARANGATU

A etnografia foi desenvolvida por meio de incursões regulares na aldeia Tekoá Marangat e permitiu acompanhar processos reconhecendo que o pesquisador não é observador neutro, mas parte da cena (Passos; Kastrup; Escóssia, 2015). Tivemos uma entrada facilitada devido ao fato de ser realizada por um pesquisador indígena, morador da aldeia. A aproximação com a comunidade ocorreu principalmente por meio da escola espaço central de convivência e articulação comunitária.

A observação participante e os registros no diário de campo permitiram acessar as dinâmicas que envolviam as brincadeiras Mbya-Guarani. A pesquisa foi apresentada à comunidade Tekoa Marangatu em reunião com as lideranças, famílias e professores da escola indígena. A autorização coletiva foi condição para o início do trabalho, respeitando os protocolos do povo Guarani e reconhecendo que o campo é um território de relações e normas próprias. O período de observação ocorreu em diferentes espaços da aldeia — pátios, trilhas, casas, áreas de convivência e locais de brincadeira. Os registros fotográficos foram realizados com autorização e, posteriormente, sistematizados em conjunto com as memórias das brincadeiras observadas. A etnografia, nesse processo, não se limitou à observação, mas envolveu participação,

escuta e convivência, reconhecendo que as crianças Mbyá-Guarani aprendem e ensinam por meio da experiência, da oralidade e da circulação pelo território.

A Aldeia Tekoa Marangatu está localizada no município de Imaruí, no sul do estado de Santa Catarina- Brasil, e teve início em 1999. O território possui 74,6 hectares, adquiridos por meio de recursos provenientes das medidas mitigadoras das obras da BR-101 e do Gasoduto. Atualmente, a área encontra-se registrada como reserva, mas a comunidade já manifestou o desejo de ampliar e redefinir seus limites, pensando nas futuras gerações e na necessidade de garantir um espaço que permita viver com dignidade, segurança territorial e preservação cultural.

Imagem 1: Imagens da Aldeia.



Fonte: Acervo do autor, 2024

Em seu início, a aldeia era composta por aproximadamente 139 pessoas, no ano de 2025 são registradas 58 famílias espalhadas nas moradias da aldeia. O nome *Tekoá Marangatu* foi escolhido pela anciã Maria da Silva Guimarães, juntamente com outras lideranças, em razão das características do território. Em Guarani, *tekoá* significa “lugar onde se vive o teko”, o modo de ser; e *marangatu* remete ao que é sagrado, bom e harmonioso. Assim, o nome expressa o desejo de que aquele território seja um “Lugar de Harmonia”, espaço de vida plena, espiritualidade e continuidade cultural. A aldeia é afastada da cidade, rodeada por montanhas, cachoeiras e pelos sons da natureza. Esse ambiente de paz e equilíbrio reforça a relação profunda entre o povo Mbyá-Guarani e o território, que não é apenas um espaço físico, mas parte constitutiva do *Nhande Reko*, a maneira de ser e viver Guarani.

No decorrer da pesquisa de campo fomos considerando importante conhecer as brincadeiras para então, a partir da observação participante com as crianças, compreender esse lugar de forma mais ampla e comunitária. Descrevemos 10 brincadeiras e procuramos conhecer, a partir das crianças e de algumas lideranças, como acontecia esse brincar. Vamos apresentar algumas dessas brincadeiras e como

essas experiências foram registradas pelo povo da aldeia, considerando a importância de conhecermos o contexto do brincar na cultura guarani. Descreveremos como essas brincadeiras são partilhadas pelas crianças e como elas articulam práticas, saberes e modos de viver amplos da cultura Mbya Guarani. É fundamental destacar que, na tradição acadêmica ocidental, há pouquíssimo hábito de descrever e dar a conhecer aquilo que não sabemos sobre os povos indígenas; ao contrário, a produção científica frequentemente opera por interpretações generalizantes, sem antes apresentar de forma cuidadosa e situada as práticas sociais que constituem a vida cotidiana nas aldeias. No campo da Antropologia da Infância, esse movimento é ainda mais evidente, muitos estudos avançam diretamente para análises interpretativas sobre as crianças indígenas sem que suas brincadeiras, seus gestos, seus percursos e suas interações sejam minimamente documentados ou compreendidos em sua materialidade e densidade cultural. Assim, buscamos aqui apresentar as brincadeiras tal como são vividas e compartilhadas pelas crianças da Tekoa Marangatu, reconhecendo que essas práticas não são apenas expressões lúdicas, mas modos de atualizar conhecimentos ancestrais, de fortalecer vínculos comunitários e de sustentar a continuidade da vida guarani. Ao registrar essas experiências a partir do que as próprias famílias e lideranças da aldeia consideram significativo, procuramos contribuir para uma produção acadêmica que escuta, observa e aprende com as crianças indígenas e com os mundos que elas criam e recriam diariamente

Imagem 2: Peteca



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A brincadeira de peteca é considerada um jogo divertido que pode ser praticado em ambiente aberto e espaços amplos por diversas idades. A peteca é feita de palha de milho e antigamente, os mais velhos tiravam a palha do milho para confeccionar a peteca e não havia pena, era apenas de palha de milho. A brincadeira atualmente não é tão praticada quanto antes, mas, muitos guarani tentam manter e não esquecer desse conhecimento repassado pelos seus antepassados. Para brincar com a peteca, são formados grupos e o principal objetivo é não deixar a peteca cair no chão. Todos devem jogar a peteca para cima e não deixar cair, sendo que aqueles que deixarem cair saem do jogo. Essa

brincadeira traz em sua essência, o princípio da vida Guarani (Diário de campo, 2024).

Imagem 3: **Xanjau**



Fonte: Acervo do autor, 2025.

A brincadeira da melancia traduzindo para Guarani é Xanjau. É formada através de uma roda onde as crianças vão sentar para fingir que são melancias e duas crianças como se fosse o dono da plantação. Daí, duas pessoas vão ficar fora do círculo e as crianças vão perguntar para o dono da plantação se a melancia está madura. O dono da plantação vai falar que não, no momento a melancia tá verde. Aí, as duas crianças vão voltar para casa depois de um tempo, ele vai voltar de novo e perguntar para o dono se a melancia tá boa e se já amadureceu. Aí, o dono vai falar que sim e que pode pegar a melancia. Duas crianças vão circular a roda e colocar a mão na cabeça das crianças que estão na roda para escolher qual melancia está madura ou não. Ao escolher qual estará madura, pegarão a criança(melancia) e carregarão pelo braço para fora da roda. Assim se repete até que todas as crianças sejam escolhidas. Ao final, todas as crianças voltam para a roda e a brincadeira de Xanjau se reinicia trocando as posições de modo que todas as crianças possam exercitar todos os lugares na brincadeira (Diário de campo, 2024).

Imagem 4: **Mbaraka**

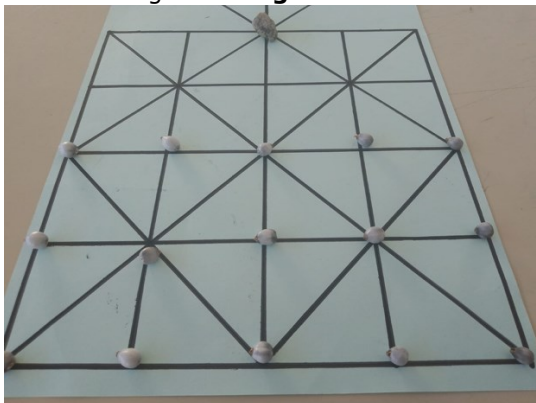


Fonte: Acervo do autor, 2025

Mbaraka é uma brincadeira tradicional indígena e africana. A brincadeira Mbaraka é com um chocalho. Essa brincadeira traz a participação dos grupos através da

corrida onde grupos de cinco crianças e terão duas delas com chocalho que vão correr. A brincadeira começa atrás da linha com os cinco grupos. Do outro lado da linha vai ter um tronco de árvore, onde cada grupo de corrida tem que chegar e dar a volta ao redor e quem chega novamente na linha onde estão os participantes do grupo, entrega o chocalho na mão do colega. Ninguém pode deixar cair o mbaraka, se acontecer tem que reiniciar o trajeto. O grupo que terminar mais cedo, ganha (**Diário de campo, 2024**).

Imagem 5: **Jagwarete**



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Jagwarete é uma brincadeira indígena brasileira, é um jogo de tabuleiro cuja origem remete aos povos indígenas do Brasil. É uma brincadeira que a princípio era praticada com pedras ou sementes e riscos traçados na areia e hoje pode ser jogado em diversos aplicativos para Smartphone, inclusive. O seu caráter lúdico merece destaque, pois através do brincar as crianças são capazes de criar e vencer seus próprios limites e construir suas próprias aprendizagens. O jogo é formado por dois jogadores. Um deles ficará com a função do tigre - Jagwarete e o outro, a função do cachorro-Jaguara. Os jogadores seguirão com o jogo na direção onde os pontos da linha se cruzam, no entanto, não poderão ficar fora da linha ou em outro lugar fora do cruzamento. A regra é fazer com que elimine ao máximo os cachorros e os tigres e também encurralar em uma "toca" ambos os animais. O vencedor é quem mais encurralar na toca o animal adversário, sendo que o jogo acaba quando eliminar todos. O jogo traz um aprendizado da caça e a percepção das estratégias de "encurralar" a presa (**Diário de campo, 2024**).

Imagem 6: **Oja**



Fonte: Acervo do autor, 2025

Oja é uma brincadeira tradicional indígena e africana que envolve uma roda de crianças todas agachadas, onde elas dão nome de comidas e duas crianças, que estão fora do círculo, virão até a roda e vão perguntar se tem um determinado alimento. As crianças que estão fora irão perguntar se o alimento está pronto para ser comido ou farão outra pergunta qualquer. As crianças irão responder que sim ou que não e como os jogos são também adaptados pelas crianças, às vezes elas

dizem a verdade e às vezes, elas escondem. Se as pessoas de fora acertarem a comida, levam a criança que representa aquela comida para fora da roda (Diário de campo, 2024).

Imagem 7: **Rovo**



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Rovo ou Pega-pega na Água é uma brincadeira tradicional da cultura Guarani, realizada em ambientes aquáticos como rios ou lagos. É uma atividade dinâmica que promove a interação social. Rovo ou Pega-pega na Água (Diário de campo, 2024).

Imagem 8: **Mandio**



Fonte: Acervo do autor, 2025.

Mandio é uma brincadeira tradicional da cultura Guarani que envolve cooperação e força e agilidade entre os participantes para desenvolver estratégias para alcançar um objetivo comum. A brincadeira é feita em uma fila, com uma criança mais velha, para segurar um tronco de árvore. Outra criança maior vai para final da fila e faz força para puxar. Nenhuma criança pode se soltar, se acontecer de não conseguir, a criança sai da fila, mas volta para ajudar quem a tirou. Essa brincadeira não tem quem vence e quem perde porque o objetivo é cooperação (Diário de campo, 2024).

O BRINCAR COMO ATUALIZAÇÃO DA COSMOLOGIA E DA ANCESTRALIDADE

Entre os Mbya Guarani, a criança é concebida como portadora de uma *ñhe'ẽ*, a “palavra-alma” enviada pelos deuses, conforme descreve Valéria Assis (2006). Essa concepção confere ao brincar um caráter cosmológico: trata-se de uma prática que fortalece o espírito da criança, garantindo sua permanência no mundo e sua conexão

com Nhanderu. Tonico Benites (2012), liderança e antropólogo guarani, enfatiza que a *ñhe'ẽ* precisa ser continuamente cuidada para que a criança permaneça saudável, alegre e integrada ao coletivo. As brincadeiras, portanto, não se desvinculam da espiritualidade; elas constituem modos de cultivar alegria, equilíbrio e proteção espiritual, funcionando como rituais cotidianos que mantêm viva a relação entre corpo, alma e território.

As brincadeiras Mbya Guarani — como a peteca, a corrida com *mbaraka* e o uso da zarabatana — configuram práticas corporais que educam o corpo para viver no território. Elas desenvolvem habilidades sensoriais e perceptivas fundamentais para a vida comunitária e para a relação com a floresta, com os animais e com os caminhos. Davi Kopenawa (2015), ao refletir sobre a vida Yanomami, afirma que “o movimento da vida nunca se separa da terra”, e essa afirmação ecoa profundamente entre os guarani. Ao correr, saltar, lançar, equilibrar-se e circular pela aldeia, as crianças aprendem a ler o território, a reconhecer seus sinais e a se orientar nele. O corpo, nesse processo, torna-se um instrumento de conhecimento e de pertencimento, uma espécie de mapa vivo que se afina com o ambiente.

Essa pedagogia do corpo não é formalizada, mas vivida. As crianças aprendem observando os mais velhos, participando das atividades cotidianas e experimentando o mundo com autonomia. Daniel Munduruku (2009) lembra que, nas culturas indígenas, não existe uma pedagogia da separação, brincar, aprender, trabalhar e conviver fazem parte de um mesmo fluxo de vida. Na cultura guarani, não há distinção entre brincar e aprender — brincar é aprender. O gesto lúdico é também gesto de conhecimento, de cuidado e de participação no coletivo. Ailton Krenak (2019) reforça que, para os povos originários, o corpo é extensão da terra; assim, quando as crianças brincam, elas não apenas desenvolvem habilidades motoras, mas reafirmam sua ligação com o território e com os seres que o habitam.

A mobilidade é um traço central da vida Mbya Guarani, a circulação constante atualiza a cultura e produz redes de pertencimento que ultrapassam fronteiras territoriais, como analisam Silva, Tempass e Garcia (2019). As crianças participam ativamente desses deslocamentos, aprendendo sobre caminhos, parentescos, plantas, animais e relações sociais. As brincadeiras observadas apontam para essas aprendizagens, pois muitas delas envolvem deslocamento, observação, orientação espacial e interação com elementos naturais. O brincar, nesse sentido, acompanha o movimento da vida guarani, reforçando a ideia de que aprender é caminhar, e caminhar é existir.

Ao ampliar a compreensão do brincar Mbya Guarani a partir de autores indígenas, observamos que essas práticas não são apenas expressões culturais, mas modos de atualizar a cosmologia e a ancestralidade no cotidiano. Brincar é manter viva a relação com Nhanderu, com a terra e com o coletivo; é afirmar a continuidade do povo; é resistir às forças que tentam interromper seus modos de vida. Como sugere Krenak (2019), imaginar outros mundos é resistir — e o brincar guarani é justamente essa imaginação em movimento, essa capacidade de renovar o mundo a cada gesto, a cada riso, a cada corrida pela aldeia.

Ao considerar ainda mais profundamente a perspectiva indígena, percebemos que o brincar também opera como uma forma de comunicação entre mundos. Kaká Werá Jecupé (1998) afirma que a criança é um ser que transita entre dimensões, e suas brincadeiras são modos de traduzir, para o plano visível, aquilo que pertence ao plano espiritual. Assim, quando uma criança Mbya corre com o *mbaraká*, quando lança a peteca ao ar ou quando sopra a zarabatana, ela não apenas realiza um gesto físico, mas atualiza uma memória ancestral que conecta o presente ao tempo mítico. O brincar, nesse sentido, é uma linguagem cosmológica que permite que a criança dialogue com os seres da floresta, com os encantados e com os ancestrais.

Benites (2012) destaca que a infância guarani é marcada por intensa participação nas atividades rituais, e que muitas brincadeiras são, na verdade, formas de introduzir as crianças nos conhecimentos que estruturam a vida espiritual da comunidade. O gesto lúdico, portanto, não é um desvio da vida ritual, mas sua continuidade em outra forma. A criança aprende a cantar, a dançar, a manejar instrumentos e a reconhecer os ritmos da aldeia por meio de brincadeiras que, aos olhos não indígenas, poderiam parecer simples jogos. No entanto, para os Mbya, esses gestos afinam corpo e espírito para que, no futuro, a criança possa participar plenamente dos rituais que sustentam o equilíbrio do mundo.

Essa compreensão é reforçada por Eliane Potiguara (2004), que afirma que a infância indígena é um território de liberdade e criação, mas também de responsabilidade espiritual. A criança é vista como guardiã de um futuro que não é apenas temporal, mas cosmológico. Assim, o brincar Mbya Guarani pode ser entendido como uma prática que prepara a criança para assumir seu lugar na teia de relações que sustenta a vida — não por meio de uma pedagogia formal, mas por meio de uma pedagogia da experiência, da sensibilidade e da convivência.

Ao ampliar ainda mais essa reflexão, percebemos que o brincar também é uma forma de resistência cultural. Em um contexto de pressões coloniais, deslocamentos

forçados e ameaças ao território, manter vivas as brincadeiras tradicionais é afirmar a continuidade do povo e proteger sua cosmologia. Como lembra Krenak (2019), “enquanto houver uma criança brincando, o mundo não acaba”. Entre os Mbya, essa afirmação ganha um sentido literal, o brincar é uma força que sustenta o mundo, que impede sua queda, que renova sua vitalidade. Cada gesto lúdico é, portanto, um gesto de resistência, de afirmação e de esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância indígena, especialmente no contexto dos povos Mbya Guarani, constitui um campo de investigação que desafia concepções hegemônicas sobre as infâncias, a educação e os processos de socialização no brincar. Ao situar o brincar nas infâncias Mbya Guarani — entendido como o conjunto de práticas sociais, valores, relações, territorialidades e formas de produzir sentido no mundo — vimos que as brincadeiras não se vinculam apenas às culturas infantis, mas compõem expressões de uma cosmologia que organiza a vida coletiva, orienta comportamentos compartilhados, regula interações com o sagrado e define o lugar das crianças como *seres em relação*. Assim, as práticas sociais que estruturam o cotidiano — desde o brincar, o aprender pela observação, a circulação pelo território, até a participação em rituais e tarefas comunitárias — configuram um sistema cultural no qual a infância é vivida como experiência relacional e integrada ao coletivo, e não como etapa preparatória para a vida adulta, como pressupõe a lógica ocidental.

A etnografia das brincadeiras e jogos das crianças Mbya Guarani situa um território de diferença, revelando a heterogeneidade das infâncias e mostrando como as crianças da Tekoa Marangatu atualizam saberes ancestrais, produzem pertencimento e afirmam modos de vida que desafiam as categorias hegemônicas sobre as infâncias. Ao acompanhar essas práticas, torna-se evidente que o brincar não é apenas um gesto lúdico, mas uma forma de existir no mundo, de produzir vínculos e de sustentar a continuidade da cultura guarani.

Essas reflexões nos conduzem a uma crítica decolonial necessária. A produção acadêmica ocidental frequentemente opera a partir de categorias que invisibilizam ou reduzem a complexidade das cosmologias indígenas. O pensamento ocidental tende a capturar as infâncias indígenas dentro de modelos universalizantes, que desconsideram a centralidade da espiritualidade, da territorialidade e da coletividade na formação das

crianças. A crítica decolonial, nesse sentido, desloca o olhar, reconhece epistemologias outras e permite que os povos indígenas falem a partir de seus próprios mundos.

Ao trazer para o centro do debate as vozes de autores indígenas contemporâneos, este estudo reafirma que os conhecimentos produzidos pelos povos originários não são complementares ou ilustrativos, mas fundamentais para repensar as categorias com as quais interpretamos as infâncias. A infância Mbya Guarani, tal como observada na Tekoa Marangatu, revela que o brincar é uma prática cosmopolítica que atualiza a relação com Nhanderu, fortalece a *ñhe'ẽ*, sustenta o território e reafirma a continuidade do povo, como nos diz Krenak (2019), *enquanto houver uma criança brincando, o mundo continua*.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvia Maria de; LIMA, Patrícia de Moraes. Infâncias e crianças indígenas Kaingang: qual o sentido da escola? In: III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes, 2018, Manizales, Colômbia. **Anais da III Bienal Latinoamericana y Caribeña de Infancias y Juventudes**. Manizales: CLACSO/Universidad de Manizales/CINDE, 2018.

ASSIS, Valéria Mendonça de. **A criança indígena e sua educação**: a criança Guarani Mbyá. Florianópolis: UFSC, 2006.

BENITES, Tonico. **A escola na ótica dos Ava Kaiowá**: impactos e interpretações indígenas. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2012, 120 p.

JECUPÉ, Kaká Werá. **A terra dos mil povos**: história indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LIMA, Eliane. Infâncias indígenas: desafios para a pesquisa etnográfica. **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38, p. 290–303, 2008.

LIMA, Patrícia de Moraes. Infância(s), alteridade e norma: dimensões para pensar a pesquisa com crianças em contextos não institucionais. **Currículo sem Fronteiras**, v. 15, n. 2, p. 389–405, 2015.

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos de. Geografia da infância: a criança e o espaço. **Currículo sem Fronteiras**, v. 6, n. 1, p. 53–68, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Etnografia como prática e experiência**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

MUNDURUKU, Daniel. **O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970–1990)**. São Paulo: Paulinas, 2009.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro: Gráfica JB, 2004.

REDONDO, Patrícia. **Infancias latinoamericanas**: políticas, desigualdades y disputas. Buenos Aires: CLACSO, 2019.

SILVA, Fabiana Aparecida; TEMPASS, Cristine; GARCIA, Uirá. Mobilidade, território e modos de vida Guarani. **Revista de Antropologia**, v. 62, n. 2, p. 345–370, 2019.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

COSMOLOGIAS DO BRINCAR E OS MODOS DE VIDA DAS CRIANÇAS MBYA GUARANI NA ALDEIA TEKOA MARANGATU

Cosmologies of play and the ways of life of mbya guarani children in the tekoea marangatu aldeia

Patrícia de Moraes Lima

Doutora em Educação
Universidade Federal de Santa Catarina
Departamento de Metodologia de Ensino
Florianópolis, Brasil

patricia.demoraeslima@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-6565-4852>

Sérgio Duarte Silva

Graduação em Pedagogia
Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Educação
Florianópolis, Brasil

sergioyvydju@gmail.com

 <https://orcid.org/0009-0005-5173-5589>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Av Buriti, n 680, ap 704B, Itacorubi, Florianópolis-SC, Brasil Cep 88034-500

AGRADECIMENTOS

Agradecimento especial às crianças guarani da Aldeia Tekoea Marangatu

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: P. M. Lima; S.D. Silva

Coleta de dados: P. M. Lima; S.D. Silva

Análise de dados: P. M. Lima; S.D. Silva

Discussão dos resultados: P. M. Lima; S.D. Silva

Revisão e aprovação: P. M. Lima

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes para uso da pesquisa e seus resultados

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Márcia Buss-Simão.

HISTÓRICO

Recebido em: 13-04-2026 – Aprovado em: 21-06-2026 - Publicado em: 20-08-2026